

NO ESPAÇO-TEMPO DA LIBERTINAGEM, MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA REESCREVEM O TEMA DA PARTIDA

Laura Beatriz Fonseca de Almeida¹

Apesar de originada no particular e no individual, uma obra lírica pode ainda assim exprimir o que há de mais geral, mais profundo e mais elevado nas crenças, representações e relações humanas. (Hegel)

A poesia é um grande mal humano, adverte-nos Mário de Andrade. Para o poeta a poesia existe como fatalidade, mas esta fatalidade apenas se confirma depois de passadas as inconveniências da aurora.² E somos nós, leitores de poesia, que atualizamos, ao tempo de nossas experiências, as vozes dos poetas, ao reescrevermos a sobrevida da poesia como fatalidade, como um grande mal, porém necessário, a impulsionar a existência do homem.

Quase 80 anos nos distanciam das vozes modernistas brasileiras que, entre as décadas de 20 e 30, proclamam um canto de resistência à estética “oficializada” na virada do século. Ao romper a linguagem bacharelesca, artificial e idealizante da literatura passadista, os jovens poetas experimentam esteticamente entrar em sintonia com a realidade fecunda e complexa da história cultural brasileira, momento em que se renova a consciência artística nacional e vão se firmando, em nosso meio, as tendências da arte moderna.³ Os novos rumos deste Brasil, que se moderniza no início do século XX, em consequência da imigração, do surto industrial, da urbanização, convocam um projeto estético alicerçado na experimentação revolucionária, harmonizando a linguagem da arte com o ritmo cosmopolita da cidade moderna.

¹ Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara

² ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira*. 5e. São Paulo: Martins, 1974, p.27

³ ARRIGUCCI JR, Davi. *O cacto e as ruínas: a poesia entre outras artes*. São Paulo: Duas Cidades, 1997, p.11

Libertinagem de Manuel Bandeira e *Remate de Males* de Mário de Andrade, o quarto livro de poesias das obras completas de cada um desses poetas, publicados ambos em 1930, como resultado de uma produção entre 1924 e 1929, representam a cristalização dos ideais estéticos do Modernismo. Ao confirmar a conquista do verso livre e a aquisição de ritmos pessoais, estas obras traduzem o amadurecimento de nossos poetas em sintonia com os princípios da lírica moderna que se configura como um canto de ruptura de todos os nossos hábitos e, acima de tudo, de nossos hábitos poéticos, como nos ilumina Bachelard ao refletir sobre o devaneio mallarmeano.⁴

“Vou-me embora pra Pasárgada” de Manuel Bandeira e “Danças” de Mário de Andrade são poemas extraídos desses volumes de poesia que elegemos para um exercício de leitura. A proximidade temática existente entre os dois poemas, a qual é sugerida por Mário num ensaio sobre a poesia modernista em 1930, interessa-nos, em especial, tendo em vista a recuperação deste estado-de-espírito singular que impulsiona a escrita poética de nossa tradição: o desejo de exilar-se. Libertar-se da vida cotidiana – ir-se embora - é um tema recorrente entre os poetas modernistas, os quais, diferentemente do canto romântico pelo retorno à pátria, cantam, antes, a partida como quem liberta o espírito não do sentimento, mas no sentimento, missão mais elevada da poesia lírica, conforme a lição de Hegel.

O desejo transitório de auto-exilar-se, de partir, dançar, “dar de ombros” são modos de o poeta moderno reagir a seu tempo com “desprendimento voluptuosamente machucador”, como ironiza Mário de Andrade, seja para enfrentar os limites de uma estética ultrapassada ou as contradições de um cotidiano que se moderniza, seja para assumir a própria incapacidade de achar soluções para a vida. Libertar-se do presente é, portanto, a vontade maior a impulsionar

⁴ BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: DIFEL, 1985.

tanto o sujeito lírico bandeiriano que proclama ir-se embora pra Pasárgada, pois lá ele é amigo do rei, como o eu marioandradino que reage a seu tempo, dançando – “Quem dirá que não vivo satisfeito! Eu danço!”. São ações dessa natureza que forjam a libertinagem como evasão do mundo e para o mundo, objetivando uma experiência mais profunda dos poetas em seus poemas.

Pasárgada marca a história do poeta Manuel Bandeira. Aos dezesseis anos, a palavra, tomada a um texto de escritor grego, leva o jovem poeta a viajar por uma “paisagem fabulosa, por um país de delícias”, o que vai confessado pelo poeta em seu Itinerário também de Pasárgada. Publicado em 1954, este texto autobiográfico entrecruza o projeto de escrita do escritor com a vida do homem Bandeira, reafirmando, mais uma vez, esta palavra, que traduz o campo ou o tesouro dos persas, matriz de sua escritura poética.

Nesse texto-memória, Bandeira conta-nos que “Vou-me embora pra Pasárgada” foi o poema de mais longa gestação⁵. A vida solitária no Rio de Janeiro, reclusa no morro do Curvelo, vinte anos depois do encontro com aquela palavra quase mágica, leva o poeta a resgatá-la da memória, numa reação a um profundo desânimo que toma conta de sua existência tão restrita. A palavra, a essa altura, ganha do poeta a linha melódica de um verso: “Vou-me embora pra Pasárgada”. E a redondilha lhe sugere a primeira célula do poema, que permanece por mais alguns anos em processo de germinação, até surgir sem esforço, como se estivesse pronto há algum tempo, para sua escrita, segundo nos revela em seu Itinerário.

Pasárgada, poética, poema são palavras de origem grega, cujo sentido comum é o poder da germinação. Como campo e tesouro, pasárgada é o espaço no qual se pode fazer germinar o fruto, a riqueza, do mesmo modo como a poética, a arte de fazer, contém, em sua essência, o ato da criação, e o poema, esse artefato criado, é a cristalização deste poder maior do homem. Em sua Pasárgada, construída em versos, o poeta Manuel Bandeira forja o espaço ideal para uma reflexão

⁵ Bandeira, M. *Obra Completa*. Rio de Janeiro Aguiar, p. 80

sobre a vida e a poética de seu tempo, interligando experiência de mundo e arte de fazer poesia, a fim de que o poema “Vou-me embora pra Pasárgada” florescesse como um canto lírico germinado por ideais modernistas em tempo de transformações históricas.

Libertinagem, na avaliação de Mário de Andrade, é o livro de cristalização de Manuel Bandeira, pois, em seus poemas, o poeta atinge não só seus ideais estéticos, como harmoniza o ser lírico com o ser social. Em outros poemas do livro, o tema da partida, cantado em “Vou-me embora pra Pasárgada”, reescreve-se em outros tons. No poema de abertura do livro, “Não sei dançar”, temos o sujeito lírico “tomando alegria” para resistir às intempéries da vida e às de seu país – “Uns tomam éter, outros cocaína/Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria”; em “Poética”, o desabafo do sujeito lírico traduz o desajuste estético entre o desejo do eu pelo lirismo dos loucos, dos bêbados e dos clowns em contraposição à ordem estetizante a reger o seu tempo. – “Estou farto do lirismo/do lirismo bem comportado/ do lirismo funcionário público (...)/(...) do lirismo que pára e vai averiguar no cicionário o cunho vernáculo de um vocábulo”

“Danças” de Mário de Andrade, composto por nove partes, é um poema longo de estrutura bem distinta do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, o qual é composto por cinco estrofes de versos cantantes em redondilha maior . Os versos livres e as estrofes bastante irregulares da composição marioandradina reescrevem, de forma ousada, a efervescência social, política, econômica e intelectual que toma conta do cotidiano da Paulicéia. Em contraponto ao ritmo das cenas descritas, o movimento dançante, ziguezagueante, do sujeito lírico exprime, em tom de ironia, uma reação crítica do eu ao que assiste no espaço-tempo da cidade que se moderniza, como se estivesse, à semelhança do poeta Manuel Bandeira, amigo e confidente, tomando alegria, dando de ombros, plasmando em improvisos a sua Pasárgada. Embora não se anuncie no poema uma cidade ideal para o eu refugiar-se, ir-se embora, vale lembrar que o

poema pertence ao livro *Remate de Males*, cujo nome é uma referência a um lugarejo da Amazônia, um fim de mundo, lugar, por sua vez, muito propício para um auto-exílio.

Livro-chave da obra de Mário de Andrade, *Remate de Males* também consagra a maturidade do poeta, de igual modo como *Libertinagem* consagrara o amadurecimento de Bandeira. No poema de abertura do volume marioandradino, escrito cinco anos depois de “Danças”, o poeta delineia a máscara da diversidade – Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinqüenta”-, síntese de um processo de escritura em que está a perseguir o encontro consigo mesmo, deixando de si mesmo para se tornar voz coletiva. “Danças”, segundo poema do livro, no melhor estilo de combate da vanguarda, fragmentário e destruidor, na fala de Lafetá⁶, coreografa um modo irreverente de o sujeito poético reagir a seu tempo, fazendo vibrar um ritmo mais profundo e mais livre, próprio do ser que está pronto para dar uma resposta a seu tempo.

Para um poeta estudioso de música e das manifestações populares como Mário de Andrade, em cujas pesquisas chegou a criar a expressão “dança dramática” para designar bailados coletivos que obedecem a um tema tradicional, dança é, com certeza, uma palavra quase mágica em seu repertório de leituras, como Pasárgada para Bandeira. Como manifestação de atos espontâneos, gestos, movimentos e passos, a dança acompanha a história do homem, assegurando-lhe a expressão de algo inexprimível. Na evolução da dança, o século XX fez renascer, com Isadora Duncan, a “dança livre”, semelhante à antiga dança grega, ao liberar o corpo em expressividade e riqueza de movimentos a fim de torná-lo uma forma de linguagem.

No plural de dança, Mário encontra a síntese para nomear a mobilidade de um exercício poético, inspirado nas dissonâncias da vida moderna. Em “Danças”, o poeta coreografa por meio de seus versos harmônicos um encontro paradoxal de movimentos contrários, marcados, por um

⁶ LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da Intimidade: imagens na poesia de Mário de Andrade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. P.28.

lado, pelo ritmo compassado e tenso da cidade e suas contradições e, por outro, pelo improviso rítmico do seu olhar irônico que redescobre a cidade, transcendendo-a em seu cotidiano.

Por meio dos poemas “Vou-me embora pra Pasárgada” e “Danças”, em que o desejo de exilar-se do presente se traduz como determinação de quem está a reagir a uma ordem que lhe desagrada – que está a proclamar a liberdade do eu –, os poetas identificam-se com um estado de espírito que se apodera das manifestações modernistas em meados da década de vinte. Trata-se de um momento em que o sujeito lírico “perde-se de si mesmo”, como nos lembra Mário de Andrade, para expressar uma voz que é sua e de outros, apreendendo o universal com base num aprofundamento em si mesmo.

A frase melódica “Vou-me embora pra Pásargada” é um título-refrão que estrutura o poema bandeiriano como um leitmotiv. Ao abrir ou fechar cada estrofe, arrematando-a com um mesmo motivo condutor, o poeta não apenas dá ênfase ao tema da partida, como também confirma, com base na oposição de espaços que se contrapõem: o lá (o sonho, o reino idealizado) e o aqui (a realidade, o presente e suas contradições), uma leitura contrastiva entre aquilo que vai afirmado na forma de desejo e o que fica implícito como carência a cada estrofe do poema.

A palavra “Danças”, entretanto, não chega a compor um título-refrão para o poema de Mário de Andrade, embora a dança, como livre improviso, seja o leitmotiv a estruturá-lo em suas nove partes. Com base nos movimentos da dança moderna, o sujeito poético marioandradino reafirma um estado de espírito irônico e crítico em relação ao que assiste à sua volta. Coreografando o ritmo desvairado da Paulicéia – “(...) pressa/ apertos/ automóveis/ bamboleos/pinchos ariscos/ bondes sapateando nos trilhos...” – acaba por criar uma polifonia poética ao superpor a melodia dissonante da cidade, com seus contrastes culturais e conflitos de

ordem diversa, à melodia ferina e debochada de suas observações críticas, entoadas como provocações exclamativas: “Quem dirá que não vivo satisfeito! Eu danço!”.

Dançar para o poeta é “dar um salão” em seus pensamentos: é girar, virar, saltar, sambar, valsar, cantar e rir, em suma, improvisar, dar de ombros, ir-se embora, escapando, como outros poetas de sua geração, de uma situação que não se quer ou não se pode resolver. No poema de Manuel Bandeira, a decisão de ir-se embora representa a consciência do eu que se arroja à escolha do próprio destino. Assumir-se como carência e desejo é aprofundar-se em si mesmo e, nesse sentido, conquistar algo maior, como Pasárgada, onde o eu é amigo do rei e está livre, portanto, para viver uma existência de liberdade ou, mesmo, de libertinagem. A esse universo desenhado de modo ideal, nas duas primeiras estrofes do poema, que acena ao sujeito poético não só uma aventura, “de tal modo inconseqüente”, como, ainda, a continuidade de seu nome, “a nora que nunca (teve)”, contrapõe-se o presente (o aqui), espaço restrito de sua existência anônima, solitária, corriqueira e infeliz.

Na dança, “vivedouro de alegria”, o poeta marioandradino forja o seu espaço-tempo ideal, semelhante à Pasárgada bandeiriana. A liberdade dos movimentos da dança retrata o sujeito poético ao relativizar a moral diária, ironizando a visão maniqueísta do bem e do mal, bem como o “termômetro das ambições” que determinam valores e ideais a serem vividos como desejo coletivo: “O bem e o mal, que coisas sérias!/ Riqueza é bem./Tristeza é mal./Desastres/sangue/tiros/doença/Dança!...”. Na visão do sujeito poético, a vida é farta e o mundo é grande, “tem muito canto onde se esconder!”, no entanto, são muito poucos aqueles que ousam dançar e que, portanto, têm a chance de transcender, como ele, a rigidez do compasso que faz o ritmo previsível da realidade cotidiana, e alcançar a aventura fecunda do “dançarinar” pela vida.

Projeta-se, nos sonhos e nos improvisos do eu lírico de “Vou-me embora pra Pasárgada” e de “Danças”, não apenas a aspiração do homem por um espaço-tempo ideal, mas, igualmente a vontade do poeta que, farto do lirismo comedido e bem comportado, quer, a seu tempo, o lirismo como forma de libertação. Romper com a ordem estabelecida simboliza uma ação primordial do homem moderno, do mesmo modo como o aventurar-se por uma existência de transgressões, negações, rupturas e experimentações estéticas traduz a ousadia de toda uma geração de poetas e artistas que, no Brasil da década de vinte, proclamou ideais modernistas, como Bandeira e Mário de Andrade.

Os desejos do eu bandeiriano ganham, a uma certa altura do poema, uma textura de infância e os sonhos proclamados no mundo idealizado de Pasárgada traduzem ações armazenadas na memória do menino-homem que se sente livre para rememorá-las, este modo peculiar de reagir a seu tempo. No futuro próximo a ser conquistado, o sujeito poético dá vida a estas ações comuns: fazer ginástica, andar de bicicleta, montar em burro brabo, subir em pau-de-sebo ou tomar banho de mar, ações estas sonhadas por ele como o desejo maior de recuperara o que não é mais possível, vale dizer, a liberdade da aventura e a autonomia plena, como sujeito do próprio destino. Dono de si, o eu sonha escrever a sua história, como se lá, em Pasárgada, o poeta pudesse ser protagonista de aventuras à semelhança do seu tempo de menino quando se tornava herói das histórias contadas por Rosa.

Mário de Andrade, a seu modo, também evoca o passado, ao constatar, ao final do poema, que, ao nascer, não pensava e era feliz, pois já dançava a “dança da criança”, a dança de roda, a dança do berço: o vir a ser. A vida na qual tudo é rodar e girar, ensina-lhe muitas outras danças. Com a natureza, experimenta a harmonia e a beleza do ciclo da fecundação e florescência – “A dança das rosas nos rosais”, em aventuras vividas, descobre o prazer das emoções – “A rosa-riso dança nos teus lábios/vermelhos/mordidos...”, e, no dia-a-dia, aprende o descompasso do homem

no mundo, em especial em tempo de modernização – “A bolsa revira./ Reviram-se as bolsas./ As letras entram./ Os outros saem...” Mas dançar manso, muito manso, sem pensar, como a dança de ombro, ele aprendeu sozinho ao conquistar para si a determinação de resistir às intempéries da vida.

Aproximando passado e futuro, Bandeira e Mário deixam em suspenso o tempo presente, imobilizando a vida num instante poético, como nos ensina Bachelard. No tempo detido que se verticaliza, os poetas reescrevem não apenas a liberdade de experimentar – de dançar – a vida, mas também o ideal de uma geração que ousou ser livre para buscar, na simplicidade das ações da vida, a matéria-prima da poesia moderna.

Pasárgada é nome de outra civilização, alerta-nos o sujeito poético bandeiriano. Ao idealizá-la, entretanto, o eu lírico retira do presente sinais dos novos tempos, em especial aqueles que promovem o prazer do contato com o outro, dizendo-nos que, nesta outra civilização, há de tudo: um processo seguro de impedir a concepção, telefone automático, alcalóide à vontade e prostitutas para se namorar, como se extraísse da própria experiência a reação a seu tempo, conservando nos limites dessa cidade sonhada a passagem da histórica. Uma projeção do vivido, Pasárgada constrói-se na forma de linguagem, plasmada pelo poeta que se mostra consciente do poder que detém nas mãos para criar um espaço-tempo órfico. Ir-se embora, ou “tomar alegria” são decisões possíveis para quem aprendeu a “dançarinar” com a vida e a palavra poética.

Em “Danças”, o sujeito poético marioandradino movimenta-se ao sabor do ritmo da cidade que se moderniza. Como se testemunhasse também o compasso do tempo histórico, o eu resguarda-se da moral diária, proclamando para si o direito de se manter distante, ou, até mesmo, alheio à ordem das contradições, dos conflitos e dos contrastes de seu tempo. Dançar de ombros é o improviso de linguagem forjado pelo poeta, um modo especial de ir-se embora ou tomar

alegria, conquistando para si, à semelhança de Bandeira, a independência individual perdida em meio às complexidades da vida moderna.